



Entre Likes e Violências: os/as Adolescentes nas Redes e a (Des) Construção das Identidades em Contextos Misóginos

Eixo 5 - Educação, Comunicação, Informação, Direitos Humanos e Cidadania

Autora 1: Kedma Betânia Dourado Bastos Guedes¹

Autor 2: Prof. Dr. Vinicius Silva Santos²

RESUMO

Vinculado à pesquisa de mestrado “Educação Desplugada no Cotidiano Escolar: Mapeamento sobre a Proibição do Uso do Celular”, que analisa os efeitos das restrições ao celular no ambiente escolar este artigo reflete de forma crítica o uso da internet por adolescentes e a convivência com conteúdos violentos e misóginos nas redes sociais digitais, observando como os espaços virtuais afetam a construção dos perfis e personalidades dos/das adolescentes. Esse trabalho foi desenvolvido por meio de uma abordagem qualitativa de pesquisa e revisão sistemática, alicerçada em referenciais interseccionais, a pesquisa destaca as contradições das redes sociais digitais, que proporcionam integração e, ao mesmo tempo, se constitui como espaço de disseminações de ações misóginas, vinculadas a manifestações de ódio e reprodução de padrões de gêneros, promotores de violências. Os resultados desse trabalho permite afirmar que o uso excessivo dos dispositivos digitais sem a devida postura crítica torna vulnerável, fazendo emergir sentimentos como abandono, culpa, medo, dentre outros que refletem uma crise existencial que perpassa a busca pela validação e aceitação no nesses espaços de interação, tornando frágil e conflituoso a convivência entre pares nas redes na atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência; Internet; Violência; Misoginia; Identidades.

ABSTRACT

Linked to the master's research "Unplugged Education in Everyday School Life: Mapping the Prohibition of Cell Phone Use," which analyzes the effects of cell phone restrictions in the school environment, this article critically reflects on the use of the internet by adolescents and their coexistence with violent and misogynistic content on digital social networks, observing how virtual spaces affect the construction of adolescents' profiles and personalities. This work was developed through a qualitative research and systematic review approach, based on intersectional references. The research highlights the contradictions of digital social networks, which provide integration and, at the same time, constitute a space for the dissemination of misogynistic actions, linked to manifestations of hatred and reproduction of gender patterns, promoters of violence. The results of this work allow us to affirm that the excessive use of digital devices without the appropriate critical stance makes one vulnerable, giving rise to feelings such as abandonment, guilt, fear, among others that reflect an existential crisis that permeates the search for validation and acceptance in these spaces of interaction, making coexistence between peers in networks today fragile and conflicting.

KEYWORDS: Adolescence; Internet; Violence; Misogyny; Identity.

¹ Mestranda em Educação, Cultura e Território do Semiárido – PPEGESA – Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus VIII, e-mail: kguedes@uneb.br

² Prof. Dr. Adjunto da Universidade do Estado da Bahia - UNEB – Campus VIII. Docente do Mestrado em Educação, Cultura e Território do Semiárido – PPEGESA. E-mail: vssilva@uneb.br

1 Introdução



A disseminação dos dispositivos digitais convergentes e os efeitos das culturas digitais alteraram a vida social nos últimos quinze anos. No campo das interações sociais, alterou os modos de agir e performar dos sujeitos sociais, especialmente entre os/as adolescentes. Para melhor compreensão do atual cenário de uso dos serviços da internet por crianças e adolescentes, a TIC Kids Online Brasil³ investigou a presença do público infanto-juvenil na cibercultura. E o resultado analisado desperta preocupação, pois de modo precoce 93% do público participante da pesquisa mantém contato regular com o universo da internet, mediante redes sociais e outras plataformas. Visto que na última análise (2024) foi constatado o crescente aumento desse público acessando com pessoas desconhecidas, estabelecendo contato com material inadequado, como: violência, distúrbios alimentares e uso indevido de drogas. Assim, os indivíduos em pleno desenvolvimento da personalidade, localizam nos ciberespaços possibilidades de socialização e de manifestar o modo de perceber o mundo, contudo também se deparam com ambientes onde coabitam expressões de agressão e conflitos pautados em *Fake News* e disseminação de narrativas de violência. Inserida nesse contexto, a “misoginia tecnológica”⁴ aparece como um fenômeno de expressão comunicacional que requer atenção, uma vez que estão sendo propagados e potencializados enquanto discursos de ódio, pautados na “coisificação do humano”, com destaque entre os adolescentes.

A adolescência, compreendida como o período da existência humana caracterizado por desafiadoras mudanças e afirmação de subjetividades, implicando nesse período o processo de organizar e desorganizar o indivíduo frente ao contexto familiar e social em que está vinculado. Sendo essa fase cronologicamente delimitada, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, o intervalo entre 12 e 18 anos. Nesse processo de construção das identidades ocorre o direcionamento de significado a si próprio e ao papel que ocupa no mundo, através da mediação das relações interpessoais, históricas e culturais, alinhado às vivências diárias. Assim, nesse movimento de instabilidade, “a fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem ser mais ocultadas” (BAUMAN, 2005, p.22).

³ A pesquisa TIC Kids Online Brasil visa gerar evidências sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil. Realizada desde 2012, a pesquisa produz indicadores sobre oportunidades e riscos relacionados à participação on-line da população de 9 a 17 anos no país.

⁴ Misoginia tecnológica refere-se ao ódio, preconceito e discriminação contra mulheres no contexto da tecnologia e do ambiente online.



Segundo Silva (2014), a identidade necessita da interação com a diferença para se construir e acomodar, ou seja, precisa do outro para afirmar que o relativo ao outro é atrelado ao que elaboramos sobre nós. Esse período de intensa transição orgânica, psíquica e social, associado à busca pela formação identitária e o entendimento da sua significação, é persuadido pelas informações e interações elaboradas na internet. Segundo Buckingham (2008), os processos de socialização dos adolescentes estão gradualmente mais intermediados por estar em posição de evidência, performance e consumo simbólico que diz mais sobre o consumidor e as suas relações com o mundo do que a funcionalidade do item ou serviço adquirido. A princípio, esse lugar de visibilidade poderia proporcionar movimento de emancipação, porém se apresenta um espaço de desamparo e riscos, especialmente para as adolescentes, por ser foco de ações misóginas já incorporadas como algo natural e ocorrem geralmente de maneira imperceptível, sutil.

A misoginia, presente nos ciberespaços de interação através das redes sociais digitais, abriga manifestações preconceituosas que refletem de forma estrutural a sociedade no Brasil e ganham lugar de destaque nas redes sociais digitais. De acordo com Trivinho (2017), o fundamento do neoliberalismo, ao penetrar a cibercultura, transforma os mecanismos de interação social por uma espetacularização visual e de comportamentos centrados no individual, colaborando na estrutura de ambientes em que discursos preconceituosos e violências se propagam em alta escala e ganham aceitação de naturalidade. Nesse contexto, as redes digitais tornam-se campo fecundo para a ampliação de condutas misóginas, sendo por vezes aceitas como recurso da liberdade de expressão, apresentando a divergência conflituosa envolvendo os princípios democráticos e a deterioração dos aspectos psíquicos e emocionais das mulheres no espaço virtual. Para os filósofos Dardot e Laval (2016, p. 7), “o neoliberalismo não é apenas uma ideologia, um tipo de política econômica. É um sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida”.

Registra-se que o sistema capitalista, por meio de profunda penetrabilidade, determina o ritmo, valores e o modo de viver e lidar com o mundo. Nessa conjuntura de intolerâncias, as disparidades entre os gêneros vão se cristalizando, estabelecendo uma atmosfera maléfica à preservação da vida e à emancipação feminina.

Nessa conjuntura, faz-se improrrogável pensar de forma crítica acerca dos efeitos da cultura digital nas vivências dos adolescentes, destacando as opressões sutis e estruturais



manifestadas no ciberespaço. O Bourdieu (2009) descreve a violência simbólica como uma “violência suave, insensível, invisível às suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” (BOURDIEU, 2009, p. 7-8). Para ele, a opressão simbólica se apoia na concepção de que é o processo de socialização, que provoca o ser a se colocar na coletividade guiado por fundamentos e referências do discurso hegemônico.

Ao tempo que o uso das redes sociais digitais reflete e estimula as interações entre pessoas, ela não elabora os discursos opressores e de exclusão – o mecanismo consiste em expandir os conteúdos já existentes na sociedade, como sinaliza Bauman (2001) quando faz referência às fragilidades que estruturam as relações humanas centradas na hiper conectividade de uma “modernidade líquida” em que a ruptura dos vínculos podem ocorrer a qualquer instante, provocando ambiente propício para o isolamento social e o distanciamento empático diante das necessidades do outro.

Diante do posto, o artigo reflete como o uso das redes sociais, dentro do fenômeno das culturas digitais, tem afetado a (des) construção das identidades na adolescência, principalmente no que se refere às manifestações da misoginia e diferentes formas de violência atreladas ao gênero. Esse trabalho é resultado da pesquisa de mestrado, Educação Desplugada no Cotidiano Escolar: Mapeamento sobre a Proibição do Uso do Celular, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, no Campus Paulo Afonso.

2. Crescer e torna-se Adolescente com as Redes Sociais Digitais

O processo de elaboração do crescimento é marcado por características diversas e exclusivas, de modo especial no decurso da adolescência, por ser o período complexo de fortes modificações nos aspectos corporais, sensoriais, emocionais, sociais e na produção de conhecimentos.

Apoiada na seara apresentada por Guida et al. (2024) eles dialogam com teóricos seminais como Lev Vygotsky (1896-1934) e Henri Wallon (1879-1962) que na abordagem sócio-histórica contribuem afirmando que a identidade não, somente, é um conteúdo individual e intrínseco, mas se compõe no contato relacional com o outro. Soma-se a esse cenário o evento de que os adolescentes



da atualidade são nativos digitais – nasceram e cresceram mergulhados nas tecnologias da informação e comunicação – fato que espontaneamente interfere nas maneiras de expressar, socializar e elaborar significados e sentidos em relação a si e ao mundo. A contínua assiduidade no espaço virtual expande os ambientes de interação e autoafirmação, contudo os revela a inovadores dispositivos de vigilância, comparação depreciativa e exigência social, aumentando as demandas características dessa fase de desenvolvimento.

Na contemporaneidade, com o poder dominante da multinacionalização e a inserção das redes de comunicação no dia-a-dia, fica nítido a elaboração das identidades do adolescente convergindo às mídias sociais e ao que elas podem possibilitar. De acordo com Hall (2006), no contexto que precedia o sistema da globalização, as pessoas eram mais íntimas dos iguais, como também das organizações sociais que asseguravam senso de coletividade, que orientavam as pessoas a igual condição de identidade, porque era sinalizado não existir prioridade por definições individuais. Entretanto, a multinacionalização e o domínio absoluto da ideologia capitalista impõe a integração cultural e tecnológica em abrangência mundial, reconfigurando o processo de construção da identidade (HALL, 2006).

Segundo Costa (2008), a cultura digital proporcionou transformações na formação da subjetividade, nas interações sociais e formas de viver na contemporaneidade. Não sendo, somente, um aglomerado de dispositivos tecnológicos, mas um novo modo de existir, em que a condição virtual passa a ser elemento construtivo da realidade. E frente ao disponibilizado como entretenimento, o acesso de convivência nas redes sociais digitais, vigilância e controle é necessária uma leitura crítica direcionada como o campo digital modela os sentimentos e as expressões humanas, sendo imperativo ponderar esses modos de existência, visto que vivemos conectados

Na perspectiva da interseccionalidade, é possível entender que a formação do ser não se desenvolve no vazio social e, sim, na interação com os organismos de poder controlador, padrões culturais e comunicações sociais. Deste modo, a identidade ou as identidades não podem ser consideradas como uma aquisição da individualidade unicamente, mas como resultante das tensões simbólicas, negociações e encaixe concebidos no campo de disputas.

Buckingham (2008) alerta sobre a utilização do termo identidade pelo seu teor de ambiguidade, em que destaca a contradição fundamental da *identidade*, sendo intrínseca à própria expressão. Indicando que a identidade é uma mescla da tensão presente entre o que é singular e o pertencimento de coletividade. Apesar de ser entendida como exclusiva e de certo modo imutável



no decorrer do tempo, além disso, se estabelece nas interações socioculturais e históricas. Dessa maneira, quem se é estará interligado à própria trajetória de vida associada às interações e conjunturas em que estão inseridos. Assim, a construção das identidades não é algo estável, nem construída plenamente autônomo, mas forjada em aspectos internos e externos que alteram segundo as circunstâncias e conexões elaboradas com as pessoas.

A celeridade dos tempos contemporâneos impulsionou uma evidente apreensão no que se refere ao processo identitário. Para Bauman (2005), a ampliação da globalização, a implantação do Estado mínimo, somado a precarização dos empregos, incertezas nos relacionamentos pessoais – todos esses aspectos colaboram na percepção de instabilidade e dúvidas, em que elementos habituais na construção da identidade já não são tão simples ou prontamente acessíveis como antes, tornando-a mais fluída. Entretanto, a identidade somente se transforma em uma problemática quando é colocada em perigo ou questionada, necessitando ser justificada para ser “aceita”.

Crescer e tornar-se adolescente no contexto das redes sociais digitais implica experimentar a construção das identidades, das relações e das referências de mundo em um ambiente impulsionado pela hiperconectividade, por ininterrupta exposição e celeridade na transmissão das informações. Assim, vivências anteriormente exclusivas das interações presenciais são cruzadas por relações virtuais fluidas e controversas, onde a aceitação, autoestima e pertencimento são progressivamente relativizadas, impondo aos adolescentes novas aptidões para estabelecer mecanismos para construir a sociabilidade digital.

3. As Redes Sociais nas Culturas Digitais: entre o uso equilibrado e o excesso desproporcional.

A circunstância das redes sociais digitais e da cultura digital direciona outros modos de interação e elaboração simbólicos na contemporaneidade. De acordo com Schneider, Santos e Santos (2020), através do aprimoramento das tecnologias digitais, os jovens rompem com a postura passiva frente às construções históricas em que “criam narrativas ciberculturais com a apropriação dos dispositivos e a constituição de pares ouvintes, parceiros de trocas”. Nesse contexto, o mundo digital constitui-se como um espaço sociocultural no qual as hierarquias convencionais são progressivamente dissolvidas, cedendo lugar a dinâmicas marcadas pela interação contínua e pela colaboração entre os sujeitos.



No universo juvenil, as redes de mídias sociais, a exemplo do *WhatsApp*, *TikTok*, *Instagram* e *YouTube*, fazem a intermediação nas relações sociais, sendo campo de promoção da visibilidade e de identificação. Atuando como espaços de disputas simbólicas em que identidades são ajustadas, performadas e validadas na esfera social. (RECUERO, 2009).

Segundo o CETIC (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação)¹, o Brasil preenche o segundo lugar na escala global de tempo utilizado em redes sociais, estando às costas, somente, das Filipinas. Geralmente, os brasileiros passam 3 horas e 46 minutos por dia no espaço das redes, sendo a média mundial de 2h31m. Ademais, 93% de crianças e adolescente no Brasil é consumidora regular dos serviços da internet, entretanto as circunstâncias na acessibilidade são distintas, considerando as variações socioeconômicas – resultado da pesquisa agenciada pelo CETIC envolvendo o universo de 2.424 crianças e adolescentes e o igual número de pais ou responsáveis, no período de março a agosto de 2024.

Acrescentando que 83% do público infanto-juvenil possui perfis em plataformas virtuais, como *WhatsApp*, *Instagram*, *TikTok* e *YouTube*. Mesmo as plataformas não consentindo o acesso para que crianças abram contas nas redes sociais, 60% delas com idade entre 9 e 10 anos possuem cadastros no ciberespaço. De acordo com o avanço das idades, o percentual com cadastro em ao menos uma rede social igualmente avança. Nas crianças de 11 e 12 anos, o percentual corresponde a 70%. Enquanto, adolescentes de 13 e 14 anos, o quantitativo amplia expressivamente, com 93% do público com cadastros. Já, entre 15 e 17 anos, a presença nas redes sociais é praticamente imperativa, equivalendo a 99% dos adolescentes com no mínimo um perfil em redes sociais.

A apreciação dos dados exibiu que os consumidores de 9 a 17 anos, 29% informaram ao utilizar as redes, já ter vivenciado ocorrências envolvendo ofensas. Todavia, somente 8% dos adultos com vínculos a eles deram créditos no que as crianças e adolescentes relavam. Nesse mesmo ponto, no meio dos adolescentes que sofreram com circunstâncias de ofensas e outras violências, 31% asseguraram ter relatado aos pais ou responsáveis, 29% para amigos da mesma faixa etária e 17% para irmãos.

Os dados apontam que uma representação significativa de crianças e adolescentes (29%) já vivenciou ocorrências de insultos, afrontas nas redes sociais digitais, o que denota o predomínio de atitudes violentas no espaço digital direcionado a essa faixa etária. Entretanto, a percepção dessas

¹ O [Cetic.br](https://cetic.br/) é um departamento do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR ([NIC.br](https://nic.br/)), órgão vinculado ao Comitê Gestor da Internet no Brasil ([CGL.br](https://cgl.br/)). Endereço eletrônico: <https://cetic.br/>



situações pelos pais ou responsáveis é muito restrita, visto que somente o reduzido percentual de 8% dão créditos às narrativas desenvolvidas pelas crianças e adolescentes, sinalizando uma provável ausência de integração ou não confiança entre pais e filhos. Outro aspecto a ser destacado corresponde aos adolescentes que sofreram ataques nas redes, a maioria busca apoio junto a amigos e familiares, representando a relevância das estruturas de acolhimento, de apoio para lidar com tais experiências, mesmo que a comunicação com os adultos responsáveis pouco repercute em acolhimento ou atitudes que busque solucionar a questão.

4. O Ódio como Narrativa e “Entranhas” do Virtual?

Nos territórios de convivência virtual são criados “personagens”, como representações virtuais de si, desvinculados do Eu real, que podem proporcionar ideias agressivas e variações distorcidas do contexto real. Favorecidos pela condição de não serem identificados e pelo característico distanciamento das redes, muitos se permitem assumir máscaras sociais no intuito de maximizar manifestação de ódio, em que a ausência do pensamento crítico e a ruptura com a ética direcionam a xenofobia, misoginia, racismo, homofobia – e outras tantas deturpações estruturais do proceder provocadas pela fúria reprimida (VASCONCELLOS; CASTIEL 2025).

No campo psicanalítico freudiano, a agressão é inerente à condição humana, que se deleita em praticar a violência direcionada ao outro e a si. Seguindo esse viés, ele conceituou ser o “narcisismo das pequenas diferenças”, apontando a incongruência em que os mesmos aspectos que convergem podem impulsionar desavenças e confrontos por potencializarem o ponto mínimo do que é diferença (FREUD, 2010).

Centrado nessa perspectiva, observa-se a colisão do Eu narcisista com o “outro”. Sendo componente de oposições e ressentimentos frequentes simplesmente por ser outro. E quando essa identidade conflituosa se depara com uma cultura que a aparelha internamente, a ira é intensificada, sendo direcionada a um patamar extremado. Para somar a essa complexidade, Lacan (2008, p. 14) afirma que “os homens, como *“seres de fragilidade”* em uma existência cotidiana cada vez mais complexa, vivem sob a penúria dos significados no desamparo estrutural causado pela emergência do real”. Em conformidade com esses aspectos, Vasconcellos e Castiel, (2025, p. 3), asseguram que:

A ira adolescente nasceria da ansiedade, solidão, sensação de impotência e falta de controle, como “afeto narcisista” que faz depender da aprovação dos pares. Até a afirmação de seu Eu, o adolescente pendulará entre a arrogância aparente, que dissimula o terror de parecer inadequado. Perante o espetáculo das telas, talvez seja



frequente a sensação de retorno aos anos da puberdade. A exposição a corpos perfeitos e objetos de consumo causam impacto de frustração se comparados à mediocridade percebida na vida ordinária. Talvez não por coincidência, determinados conteúdos avidamente consumidos por muitos adolescentes fascinam por paliar frustrações usando o ódio.

Na contemporaneidade, o cenário de dominação e popularização das tecnologias de mídias digitais, que proporcionam conectividade sem fronteiras e sem limite, permite que maneiras controversas e subjetivas de agir no modo *offline* sejam conduzidas para o contexto da internet *on-line*. Essa extensão de comportamento exacerbou o processo de desigualdades e crueldades que alicerçam as relações interpessoais. Ao mesmo tempo, foi identificado o inverso, onde o *on-line* influencia e determina a maneira de ser no *offline* (CASTELLS, 2013). Mesmo destacando as especificidades naturais de cada contexto, o atravessamento das recíprocas influências estabelece uma integração contínua, dificultando a distinção do que genuíno de cada estágio.

Na atual conjuntura, expressões como *redpil*², *black pill*³, *alfa*⁴, *beta*⁵, *incel*⁶, rompem as “bolhas” dos agrupamentos virtuais e são integradas a outros meios de comunicação. É destacado que a intensa difusão das expressões ocorre, principalmente, por meio da linguagem dos *memes* (Drakett et al., 2018). Sendo o vocábulo resgatado das Ciências Biológicas – através das pesquisas do evolucionista britânico Richard Dawkins (2007) que teorizou o *meme* como um elemento de dados culturais que se reproduz e se dissemina entre os indivíduos, igual ao processo que ocorre com os genes dentro da biologia. No espaço cibernético, redes sociais digitais têm à disposição para

² Pílula vermelha – expressão trazida do Filme Matrix (Silver, Wachowski, & Wachowski, 1999) segue a analogia de que ao tomar a pílula vermelha terá alcançado a tomada de consciência das “verdades ocultas”, tendo condição de romper com a “lavagem cerebral” promovida pelos movimentos feministas.

³ Pertencentes da Pílula Preta creem que o aspecto físico é geneticamente estabelecido e que as mulheres selecionam parceiros sexuais unicamente pelos atributos físicos. Esse grupo tem uma linha de pensamento mais desesperançada, tendo a automutilação e, inclusive, o suicídio, sempre como possibilidade de solução por meio da violência marcada, sacrifício ou martírio. Mas muitos procuram desenvolver transformações estruturais através do assassinato de massa, associando ao suicídio.

⁴ Homem dominador, detentor do pensamento racional, lógico, não se permite acessar as “fragilidades das emoções”. Como também destaca a aparência do corpo físico, geralmente, volumoso.

⁵ Classificados como fracos e submissos, por isso com reduzida acessibilidade ao público feminino que esteja livre para suas “aquisições” sexuais. Tal limitação é encarada como algo que cerceia o direito nato de ser másculo. Entendem que as manifestações de violências de gênero são mecanismo de reparação a dívida simbólica que são vítimas e, por isso, humilhados, desprezados e ridicularizados.

⁶ Redução do termo inglês *involuntary celibates* (celibatários involuntários) destinado aos homens que se sentem desprezados por mulheres. Usam a rede para externa a “ira sagrada” e atitudes misóginas – expurgando ressentimentos através do espalhamento do ódio, sem reserva de culpa.



estabelecer uma abordagem excessivamente masculina, sendo o movimento já cunhado pelo termo *manosphere*, ou seja, esfera masculina (Van Valkenburgh, 2018).

Também identificado como “esfera falocêntrica”, no aglomerado de pensamento que estabelece o falo (pênis) como ponto focal, trazendo uma visão de mundo estruturada numa pseudo superioridade do homem, referindo a um modo de pensar e agir que beneficia o masculino, reforçando a prática colonialista da organização patriarcal de poder e autoridade.

Nos espaços de interação da internet, com desataque para as redes digitais, essa concepção é sedimentada pelos aplicativos, sites ou comunidades das redes sociais que apesar de terem outros propósitos e tenham diversificados usuários conseguem espalhar o *cyberhate* (ódio virtual), sem distinguir a fronteira limitrófica onde finaliza a violência no âmbito concreto e inicia a violência no campo da virtualidade. Assim, o sexismo ganha abrangência na rede, sendo, capitaneado de modo expressivo por sites e plataformas digitais de domínio da *manosphere* atrelado ao que dita a ideologia da *RedPill* e suas variações (Drakett et al., 2018).

Para Lima-Santos e Santos (2024), o discurso *incel* é pautado por expressões de grande impacto de agressões, a exemplo do inadmissível “depósito de porra”, para citar o público feminino dentro dos *chans* (fóruns on-line) no Brasil, como também o reprovador “*merdalher*” (mulher interesseira), como mecanismo de objetificar a mulher com evidente acepção misógina. Deixando claro que não é, somente, o processo de desigualdade de gênero colocado em pauta, mas o repúdio pleno à mulher.

Segundo a Marcia Tiburi (2018, p. 112), “o poder patriarcal, capitalista, branco sendo o poder que impera no Brasil, um poder colonial (de um colonialismo que vem de fora, mas que também foi introjetado pelos que hoje estão dentro)”, promove a misoginia que “nunca é inocente”, tem propósito estabelecido e embasado na:

Ideologia patriarcal que constrói a ideologia da maternidade, a ideologia da sensualidade e a ideologia da beleza que homens, sobretudo os brancos, tanto quanto as igrejas, os partidos, a publicidade, a mídia e a sociedade civil de modo geral jogam sobre as mulheres sempre renovando, pela violência simbólica e estrutural, a alienação de suas vidas e corpos como se faz há milênios. Mulheres, como outros trabalhadores, são oprimidas e seduzidas para não pensarem e não ajam de modo a desconstruir o que está muito bem guardado por conservadores (TIBURI, p. 113).

O discurso de ódio contra as mulheres de forma continuada esteve compondo a história do patriarcado, do sistema de dominação e das prerrogativas dos homens, organizando o que é



nomeado como machismo estrutural, o machismo que paralisa de modo aterrorizador a coletividade no seu alicerce e impossibilitando mudanças estruturais.

5. Metodologia

Esse trabalho tem como inspiração a abordagem qualitativa de pesquisa, ressaltando as contribuições de Minayo e Deslandes (2007) que evidenciam a interpretação consistente das experiências, significados, sentidos e interações sociais. De modo complementar, o estudo utiliza da revisão bibliográfica, conforme Lakatos e Marconi (2021), como análise crítica e sistemática de produções já publicadas, almejando agregar e interpretar significativas contribuições acerca da temática estudada, permitindo a elaboração de estrutura teórica coerente e vinculado à questão do estudo. Centra-se ainda numa discussão crítica, objetivando assimilar as variadas extensões de violência simbólica e estruturais que oprimem as vivências no mundo virtual. A revisão apresentou o propósito de identificar, examinar e condensar a construção teórica científica envolvendo adolescência, cultural digital, misoginia e violência, percebendo como tais conteúdos são abordados dentro do panorama interseccional. A começar por um aspecto crítico, a análise procurou entender os dispositivos de conservação que contribuem para que as desigualdades nas múltiplas abrangências sejam perpetuadas no mundo da internet, cooperando para a discussão sobre fronteiras e viabilidades de uma construção pedagógica no sentido do respeito, da equidade e dos direitos humanos em tempos de exacerbado uso das redes digitais.

6. Discussões e Resultados

As análises empreendidas neste estudo possibilitaram compreender a cronologia da estruturação da cultura digital em que os autores Schneider, Santos e Santos (2020), datam a primeira década do século XXI como a “fronteira temporal” que marcou a excepcional expansão dos meios de comunicação, potencializada pela democratização na aquisição de aparelhos móveis e ao acesso a diversos espaços de informação, momento definido como o surgimento da cultura digital. Sendo estabelecida como um dos pontos centrais de socialização e elaboração identitária durante a adolescência.

Nessa conjuntura, ao passo que a mudança da “cultura das mídias” para a “cibercultura” (Santaella, 2003) permitiu maior interação e espaço para externar a própria individualidade, pensamentos, sentimentos e desejos, também oportunizou que as relações de disputa de poder e



desigualdades de gênero se evidenciem sem reservas. Os ambientes virtuais, centrados na interatividade e permanente engajamento, apresentam aos adolescentes diversos parâmetros para a construção de suas identidades, contudo os revelam a narrativas misóginas e manifestações de violências que perpassam e influenciam o processo de construção.

Conforme assegura Trivinho (2007), a extrema agilidade da circulação informacional e a aplicação de estímulos no espaço virtual provocam um ambiente continua exposição, onde o desejo da visibilidade é agregado à cobrança de adequação a padrões estéticos, assim como seguir determinados tipos de comportamentos e formas de se relacionar. No que tange a adolescentes do gênero feminino, esse cenário pode robustecer suscetibilidades históricas, em que simultaneamente habituasse ao estado de vigilância e julgamento direcionado aos seus corpos, performance e modo de agir. Sendo a adolescência o período em que a identidade está em ativa construção, esses discursos podem contribuir na incorporação de estereótipos e validar atitudes discriminatórias, repercutindo nas relações intra e interpessoais.

As implicações deste estudo despontam quatro apontamentos, são eles:

- 1) As expressões de misoginia no ambiente virtual (sendo em expressões pejorativos, erotização nas imagens, adultização precoce ou na divulgação de memes com conteúdo de violência real, ou simbólica) agem como pilares na vivência on-line dos adolescentes, atingindo frontalmente o modo como elaboram, expressão e afirmam suas identidades no campo digital.
- 2) As culturas digitais e seus fenômenos, com destaque para o uso e imersão nas redes sociais digitais, se apresentam como espaço de disputas simbólicas e de continuidade de desigualdades de gênero, com tensos desdobramentos para o desenvolvimento socioemocional na adolescência.
- 3) Os/as adolescentes, em fase de formação psicológica e social, estão constantemente sendo envoltos por narrativas misóginas que deixam clara a necessidade de (re) pensar os usos das redes sociais digitais, em um escopo de cuidado, filtragem e vigilância autônoma e dirigida.
- 4) O uso das redes sociais digitais pelos/pelas adolescentes revela uma dimensão muito mais profunda sobre os dilemas postos, quanto ao acesso de narrativas, controle ou não das plataformas e “fetichismo” tecnológico difundido pelas *Big Techs*⁷, que incidem na

⁷ Empresas de tecnologia de escala global, tais como Alphabet, Amazon, Apple, Meta e Microsoft



criação mercadológica de espaços de fragilidade que merecem atenção especial de toda a sociedade, governos e instituições interessadas.

7. Considerações Possíveis

As análises elaboradas neste estudo consentem observar importantes reflexões e pontos de ancoragens que permitem ampliar os debates, a nosso ver urgentes e necessários. No âmbito teórico, estabeleceu a complexa interseção envolvendo os processos socialização, afirmação de auto expressão e exposição a narrativas misóginas. Constata-se como a cultura digital influencia e tem moldado as (des) construção das identidades na adolescência. Não se trata aqui de uma abordagem fatalista, mas sim de uma provocação que abre caminhos para diálogos mais aprofundados a respeito deste assunto.

No campo da ação (prático), os resultados denotam ser imprescindível a criação e mecanismos de vigilância e de sensibilização/conscientização digital que propaguem o uso crítico, ético, responsável e seguro das plataformas digitais, associando estratégias pedagógicas, no caso da formação crítica para uso das redes sociais digitais, de modo a pensamos numa formação humana pautada no respeito, acolhimento das diversidades e reflexão sobre conceitos preconcebidos, muitas vezes reducionistas. Outrossim, o estudo lança base para pesquisas posteriores que tenham como foco as singularidades vividas nas redes sociais digitais e suas polissemias de sentidos, deixando como campo em ebulição os seus desdobramentos na (des) construção das identidades dos adolescentes. Assimilar as interações digitais e as consequências dos seus desdobramentos entre os/as adolescentes torna primordial uma defesa e construção de ambientes de convívio e interação pautados no respeito, na tolerância, na cultura de paz e calçado numa ética do bem viver coletivo capaz de buscar formas de mitigação das desigualdades, proteger os/adolescentes das discriminações e violências que vão muito além dos likes!

8. Referências

BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução, Plínio Dentzien – Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2009. p15.



BRASIL, Lei nº 13.642, de 3 de abril de 2018. Essa lei altera a Lei nº 10.446/2002, adicionando à Polícia Federal a atribuição de investigar crimes praticados através da internet que divulguem conteúdo misógino. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2018/lei-13642-3-abril-2018-786403-publicacaooriginal-155161-pl.html>. Acesso: 09/07/2025.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança. Movimentos sociais na era da Internet. Trad.** Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 271 páginas, 2013.

CETIC, Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br). Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil - TIC Kids Online Brasil 2024. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20250512154015/tic_kids_online_2024_resumo_executivo.pdf Acesso: 11/07/2025.

COSTA, Rogério da. **A Cultura Digital**. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DAWKINS, Richard. **O Gene Egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

DRAKETT, J., RICKETT, B., DAY, K., & MILNES, K. **Piadas antigas, novas mídias – Sexismo online e construções de gênero em memes da Internet**. Feminismo & Psicologia, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/323021875_Old_jokes_new_media_-_Online_sexism_and_constructions_of_gender_in_Internet_memes. Acesso: 12/07/2025.

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Cultura**. Coleção L&PM Pocket. Porto Alegre: L&PM, 2010.

GING, D. **Alfas, Betas e Incels: Teorizando as Masculinidades da Manosfera**. 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/316845210_Alphas_Betas_and_Incels_Theorizing_the_Masculinities_of_the_Manosphere. Acesso: 10/07/2025.

GUIDA, L. A. G. Simone, Ribeiro, S. L. S., Souza, de S. T. M. & Monteiro, O. P. (2024). **Construção de Identidade na Adolescência: Dilemas Individuais e Sociais**. Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação. 24. AR14. 10.21680/1984-3879.2024v24n1ID35507. Disponível em: <https://www.researchgate.net>. Acesso: 25/06/2025.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

LACAN, J. O seminário. Livro 17. **O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2008, p. 14.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

LIMA-SANTOS, André Villela de Souza; SANTOS, Manoel Antônio dos. **Incels e Misoginia Online em Tempos de Cultura Digital**. Estud. pesquis. psicol., Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 1081-



1102, dez. 2022. Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812022000301081&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 25/06/2025.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25. ed. rev. atual. Petrópolis: Vozes, 2007.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Coleção Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Da Cultura das Mídias à Cibercultura: O Pós-humano**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 22 – ano 2003.

SCHNEIDER, Henrique Nou; SANTOS, Jacques Fernandes; SANTOS, Vinicius Silva. **Cultura juvenil, dependência digital e contingência**. 2020. Disponível em: https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2020/23/cultura_juvenil_dependencia_digital_e_contigencia.pdf

SILVA, T. Tadeu. (Org.) **Identidade diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. **Revisão integrativa: o que é e como fazer**. Einstein (São Paulo), v. 8, p. 102-106, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso: 09/07/2025.

TIBURI, Marcia. **A máquina misógina e o fator Dilma Rousseff na política brasileira** (Coleção Cult). RUBIM, L. e ARGOLLO, F. (Organizadoras). **O Golpe na perspectiva de Gênero** Salvador: EDUF-BA. 2018. 186 p.

TRIVINHO, Eugênio. **Sociedade do espetáculo e cibercultura: mercantilização tecnológica do olhar e pós-humano**. São Paulo: Paulus, 2017.

VAN VALKENBURGH, S. P. **Digerindo a pílula vermelha: masculinidade e neoliberalismo na manofera**. Homem e Masculinidades, 24(1), 84-103. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/329424442_Digesting_the_Red_Pill_Masculinity_and_Neoliberalism_in_the_Manosphere. Acesso: 13/07/2025.

VASCONCELLOS, Silva R. P, Castiel, D. L. **Câmaras que ecoam ódio, bolhas que destilam medo: constituição do Eu e intolerância como raízes da desinformação**. Ciênc saúde coletiva [Internet]. 2025. <https://doi.org/10.1590/1413-81232025304.10492023>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/Rj3nHYG8yHZzZXTSy85pMDx/?lang=pt> Acesso: 12/07/2025.